

# Feche os olhos ou O negacionismo na pandemia

Bernard Miodownik<sup>1</sup>

---

Um sono intranquilo o atormentava desde a chegada da peste. Mais uma vez o despertar súbito, a respiração ofegante. O grito, porém, conseguia conter na origem gutural, movimento aprendido na repetição incessante do estado agônico, noite após noite. Dessa forma, evitava o acordar assustado de sua mulher, como era no início. O despertar dela tornara-se um alvorecer em camadas. Revirava na cama, espreguiçava, vagorosamente voltava-se para ele, entreabria os olhos, fechava-os, entreabria, imaginando-o mais seguro e controlado, um forte capaz de abrandar dentro de si aquele grito saído das entranhas. Infinito tempo até que, protetora, o abraçasse.

O mesmo sonho? Ela, tranquila, perguntará.

Sim, o mesmo sonho, será a resposta que ela sabia. Sempre o velho cego apoiado em um cajado bradando para a multidão que um crime terrível era a causa da peste, e somente quando o criminoso fosse encontrado e punido, a peste terminaria. A multidão ouvia o velho cego e entoava um cântico monótono, lúgubre, quase um sussurro evocativo de presságios, para que ninguém se considere feliz antes que os olhos se cerrem para sempre e possa dizer que não conheceu a profunda tristeza.

Feliz ele fora, até conhecer a profunda tristeza, a grande dor, visceral como o grito contido todas as noites. E a imensa raiva também. Os pais que ele tanto amava contaram sobre a adoção. Trazido por uma boa alma que o salvou da morte certa, o acolheram. A ira indomável se apossou dele, irracional, acima do amor que os pais haviam lhe dedicado por anos. Quis matá-los, e antes que o ódio assassino se fizesse realidade fugiu.

A morte não o deixou. Saiu matando. Quando pediam, quando mandavam, quando pagavam, ou por conta própria. Matou por pouco, matou por muito, matou até por nada. Crimes não lhe faltavam, azar de quem lhe

---

1. Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)

atravessava o caminho nas muitas encruzilhadas que se cruza por aí. E continuaria se não a encontrasse. Quinze anos mais velha, lhe apaziguou a alma. Não houvessem gerado os quatro filhos, dois meninos e duas meninas, diria que foi a mãe que lhe causou a colossal tristeza de um abandono e anos depois trazia a cura, o que sua mãe adotiva, afetiva e amorosa, não foi capaz. Apesar das conquistas, a antiga felicidade jamais retornara. Feridas profundas nunca cicatrizam por completo e sempre encontram os resquícios da dor. O passado não passa e não perdoad, alguém deve ter dito isso. A peste viera atrás dele, tinha certeza. As incontáveis mortes, o ódio aos pais adotivos, o que a peste lhe cobrava agora? Aflição, esperava o despertar completo dela, a voz consoladora.

O filho que me levaram nos meus quinze anos parece que voltou para cobrar a minha paixão por um bandido, na época um rei para mim, que tratou de fugir logo que o menino nasceu. É o que penso cada vez que finjo acordar pausadamente até que ele se veja amparado pelos meus abraços, pelas minhas palavras. Disfarço a vigília alerta de quem antevê a desgraça, o medo do que a peste veio me fazer pagar. Não tivesse inventado que fui forçada pelo bandido que, soube depois, foi morto numa encruzilhada das muitas que se cruza por aí, minha família não daria o bebê sei lá para quem. Eu o teria amado como amo os meus quatro filhos, dois meninos e duas meninas. Agora tenho essa criança, pai dos meus filhos, que não consigo acalmar. Nada me contou da sua história, a conversa de que o passado não importa, já passou. Faltou-lhe um lar que nem um oceano de amor preenche a carência? Como o bebê que abandonei, que ironia. Teria o meu menino encontrado pais amorosos ou foi simplesmente largado por aí? De que vale atormentar-me com esses pensamentos? O passado não passa, é o que a peste vem lembrar para retirá-lo do fundo da memória, onde se queria deixá-lo quieto, cego ao presente.

Como poderei acalmá-lo se também sonho o pesadelo dele? O velho cego que anuncia à multidão que um crime cometido causou a peste. O que posso argumentar? Quem não tem crimes, quem não tem pecados no seu passado? Podem os sonhos modificar o que está feito? Há que se acreditar no que os sonhos dizem, nas mensagens que trazem nas entrelinhas? Pode um ser humano se culpar se acaso no sonho vier a dividir a cama com a própria mãe? Não é o que os bebês fazem? Chega de dar importância a sonhos, quero gritar. O que um velho cego consegue enxergar mais do que os outros? O melhor é fecharmos os olhos para tudo isso, meu amor. Feche os olhos, dormiremos melhor.

Recebido: 31/08/2020

Aceito: 01/09/2020

---

Bernard Miodownik  
Rua Figueiredo de Magalhães, 219/408 - Copacabana  
Rio de Janeiro – RJ. CEP: 22031-030  
(21) 2549-8734  
betchkov@uol.com.br